

“MUSLIM: WOMAN”, DE MARILENE FELINTO, E OS CONCEITOS DE GÊNERO E RAÇA NO MUNDO GLOBALIZADO

Liane SCHNEIDER¹

RESUMO: A partir do conto “Muslim: woman”, de Marilene Felinto, nossa proposta é desenvolver uma discussão sobre os papéis da protagonista e a antagonista do conto por uma perspectiva interessada nas representações literárias de raça e gênero no contexto contemporâneo. Apoiadas nas teorias de identidade, principalmente no trabalho desenvolvido por Kathryn Woodward e Bhavnani, além das teorias sobre a questão étnico-racial, aqui fundamentada em Barbara Johnson e Franz Fanon, apresentamos uma análise crítica do texto de Felinto a partir de um olhar que não descarta a importância do deslocamento, que assume um papel mais fundamental do que a localização e pertencimento em relação à construção das personagens centrais da narrativa.

Palavras-chave: Globalização; autoria de mulheres; Marilene Felinto; crítica feminista

ABSTRACT: Through the reading of the short story “Muslim: woman”, by Marilene Felinto, we intend to develop a discussion on the roles of the protagonist and antagonist of this text, bringing to light theoretical perspectives interested in literary representations of race and gender in the contemporary context. Having theories on identity as our guidelines, specially the work produced by Kathryn Woodward and Bhavnani, as well theories on ethnicity and gender, here reviewing concepts by Barbara Johnson and Franz Fanon, we present an analysis of the text by Felinto through a point of view that does take dislocation as fundamental, even more important than the notion of location and belonging for the construction of the main characters of the narrative.

Keywords: Globalization; female authorship; Marilene Felinto; feminine criticism

Introdução

Quando voltamos nossa atenção para discussões recentemente desenvolvidas em áreas tais como as ciências políticas e internacionais, economia, etc., parece-nos inevitável considerar que a ideia de globalização e os encontros estabelecidos entre diferentes povos no mundo contemporâneo saltam aos olhos no que diz respeito ao cenário da organização social mundial. Contudo, também devemos partir do princípio de que processos que justapõem povos, culturas, mercados diversos não são exclusivos dos tempos modernos, muito menos da modernidade tardia (Cf. Behdad, 2006).

Obviamente os circuitos de encontros e trocas se tornaram recentemente mais complexos, graças ao rápido cruzar de fronteiras efetivado tanto pelo capital como por pessoas, produtos e identidades. Mas já na Idade Média (ou até mesmo bem antes disso) era possível perceber que o mundo se mostrava interconectado por redes de produção e

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

trocas comerciais que, dentro das devidas proporções, em muito se assemelhariam às atuais. Por tal perspectiva, a grande diferença dos fenômenos contemporâneos em relação aos do passado se deveria ao recente desenvolvimento tecnológico, que permitiu que os movimentos populacionais se tornassem mais frequentes e rápidos, bem como que os produtos (ideias e notícias, inclusive) fossem mais imediatamente divulgados, tornando-se conhecidos por todos em curto espaço de tempo, seja por meio das redes sociais ou por qualquer outra forma de comunicação digital.

Neste sentido, a semente da forma como se dão as relações entre diferentes povos na atualidade, em todos os setores, e, portanto, também no que se refere ao gênero e à raça, vem sendo construída ou germinada há muito nas diversas trocas estabelecidas ao longo dos tempos, em territórios onde o contato entre diferentes grupos ou sujeitos se fez possível. Por outro lado, tais fenômenos de troca nunca foram totalmente pacíficos; na verdade, geralmente esses foram pouco democráticos e, seguramente, sempre houve também algum nível de reação por parte daqueles/as que se sentiram subjugados/as.

Conforme aponta Franz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008, p.34), “todo o povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. Claro que Fanon não está particularmente interessado nas relações de gênero, mas sim no que diz respeito às relações de cunho racial entre povos diversos em situação de colonização e pós-colonização. Conforme destaca o autor, “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão (*sic*), seu mato, mais branco será” (2008, p.34). Fanon indica aqui a posição daquele sujeito que, ao se aproximar ou identificar com o espaço da metrópole colonizadora ou ex-colonizadora, se depara com uma pressão assimilacionista forte, que frequentemente já foi interiorizada, tendo sofrido, portanto, uma ação de “fora para dentro”. Obviamente essa pressão tampouco é neutra no que se refere a gênero.

Gênero e raça no espaço globalizado dos (des)encontros culturais

O que nos interessa neste momento é um olhar que se volte para o encontro sinuoso, quase oblíquo estabelecido entre as relações de gênero, os processos de colonização e pós-colonização e as diásporas envolvidas. Sem dúvida alguma, foi a partir da década de oitenta que estudos mais aprofundados sobre a vida e obra de escritoras não inseridas nos países hegemônicos vieram à tona de forma mais explícita. Estudos que se voltavam a questões sobre lugar, representação, voz e questionamento do cânone literário assumiram papel fundamental desde então.

Teóricas como Gayatri C. Spivak, dentre outras tantas interessadas nas questões que se voltavam às matrizes de culturas não ocidentais e a construção da “outra mulher” dentro do feminismo inclusive, tornaram-se referência para que se pudesse tratar literariamente dessa diversidade que passou a dominar a vida cultural, social e literária. Podemos aí também incluir os vários estudos feministas sobre a mulher nas fronteiras, como os desenvolvidos por Glória Anzaldúa no que se refere às chicanas ou às estadunidenses de origem indígena, a noção de fronteira cultural tendo sido profundamente discutida pela autora.

Segundo Rosemary Marangoly George (2006, p.212), as inovadoras produções literário-culturais a partir das últimas décadas do século XX encontraram inspiração naqueles estudos e tendências que se debruçavam sobre a decadência da Europa como uma espécie de “xerife” dos espaços colonizados do mundo. Passa-se, de fato, muito

mais freqüentemente, a utilizar uma metodologia de cunho pós-colonial nas análises textuais, comprometidas com um reexaminar da cultura como um campo de conflitos, de colaborações e lutas entre aqueles que detêm poder e os que são sujeitos ao poder alheio, ainda que não passivamente.

A noção de globalização e os movimentos populacionais implícitos nos tempos da modernidade tardia ultrapassaram os modelos das diásporas impostas ou forçadas, como a africana, que fora estabelecida de forma massiva mundo afora durante os tempos coloniais. Passamos a reconhecer, além dessas, as diásporas até certo ponto voluntárias, onde sujeitos decidem ou são impulsionados a buscar por novas opções de vida e trabalho em outros países, mas que, assim, passam a representar um mundo de oportunidades diversas e também de decepções. Aliás, vale mencionar que cada vez mais esse movimento é definitivamente marcado pela movimentação de mulheres, sendo inclusive mencionado por vários autores e autoras, entre as quais Avtar Brah, certa “feminização da migração” e, poderíamos complementar e expandir tal consideração, uma feminização do deslocamento, em si, seja para fins de migração ou de viagens. Não podemos, contudo, negar que aquilo que muitas vezes motiva tais movimentos populacionais no momento contemporâneo são instabilidades políticas ou econômicas nos países de origem, fazendo com que as populações migrem e se instalem em novos locais.

Ainda que forçadas, de fora para dentro, a abandonar os modelos propriamente coloniais de dominação, a Europa e a América do Norte continuaram, contudo, a exercer poder, mesmo que de atração e cooptação (e de interferência, mesmo), sobre populações de outros países não incluídos nas ditas altas hierarquias mundiais. O Ocidente continuou a ter um centro para o qual seus outros tendiam a migrar em busca de oportunidades. Esse centro também passa a sofrer modificações a partir da chegada desses outros sujeitos, contexto esse bem discutido pela área dos estudos culturais desde os primeiros escritos de Thompson, Williams e Hoggart, dentre outros (Cf. MATTELART e NEVEU). Aliás, centro e margem, nesses tensos encontros, acabam reconfigurando inclusive a geometria pela qual se representava as relações entre dominantes e dominados, o que afeta radicalmente as possibilidades de se ver o mundo, a realidade, a literatura por novas perspectivas.

No mundo literário, percebeu-se uma considerável produção e maior número de edições e impressão da obra de autores e autoras vindos desses outros países até então ainda definidos como periféricos, ainda que a circulação maior de seus textos geralmente tenha se dado nas línguas dominantes das hegemonias mundiais. Rosemary M. George afirma que, “enquanto a Europa não representa mais, no final do século XX e início do século XXI, a encarnação do humano universal, ela certamente ainda ocupa uma posição central na imaginação intelectual especializada” (2006, p. 213). Exatamente por isso, segundo a autora, é fundamental que a crítica pós-colonial “provincialize” a Europa a fim de contrapor o peso hegemônico da visão de mundo universal iluminista, insistindo na humanidade dos povos colonizados e no valor de pensamentos e culturas não-européias (Cf. George, p. 213).

“Muslim: woman” e os olhares cruzados pela diferença/semelhança

A partir de perspectiva apoiada nas teorias pós-coloniais, interessadas nos fenômenos da globalização e da diáspora, em justaposição às teorias feministas e culturais, analisamos o conto “Muslim: woman”, de Marilene Felinto (2003), escritora contemporânea brasileira. A autora nos coloca diante de uma cena de encontro e/ou reconhecimento entre duas mulheres que obviamente pertencem a lugares diferentes –

aliás, o encontro se dá de soslaio, praticamente no silêncio e na neutralidade do hall de algum aeroporto da África. Nunca somos informadas quanto a qual país do continente africano estaria sendo subentendido na narrativa, já que a narradora protagonista, nosso foco central, encontra-se apenas em trânsito, em uma escala do voo que tomou com o marido, provavelmente saindo do Brasil, passando pela África e se dirigindo a outro destino qualquer. Sua passagem pelo continente africano seria um acaso, um efêmero momento de espera pelo próximo voo. Questões de gênero e étnico-raciais perpassam cada linha do texto, mas sempre de forma bastante velada, como veremos a seguir.

A protagonista viaja bastante desgostosa, questionando a companhia do marido ou até mesmo o casamento como um todo; percebemos através da voz narrativa que essa divaga sobre sua relação conjugal e, principalmente, sobre o fato de seu companheiro parecer nunca vê-la de fato: “Talvez aquilo não fosse nunca mais dar certo (...). Só não sabia por que tínhamos precisado ir tão longe (numa espécie de viagem de reconciliação inútil [...]) para descobrir” (2003, p.233). O aeroporto e o incômodo da longa espera a fazem considerar que

andava quase querendo se separar dele, que vinha encontrando nele há certo tempo somente defeito em cima de defeito, na boca que parecia maior do que devia, na expressão de leseira na cara, no cheiro às vezes, no mais íntimo movimento dele. Um coitado (...), uma marmota escrita. (2003, p.234)

Lemos aí uma saturação generalizada e irrestrita em relação à situação – reclama das malas, da desatenção do companheiro para com ela, da viagem mal planejada, do fato de ele não reparar que os homens que circulam pelo aeroporto estarem observando-a atentamente. O companheiro apenas comenta que não é responsável “por ela ser menos ou mais escura num aeroporto africano”. Todo problema do ser ou não ser vista, da dificuldade de lidar com o fato de ser notada ou ser desconsiderada parece estar atrelado a esses dois eixos – seu sexo e sua cor. Após um prolongado e precioso silêncio, durante os minutos em que o marido foi pegar um jornal, esse retorna e se aproxima dela, deitando a cabeça em seu ombro, quase chorando, e a narradora se diz com vontade “de se desmanchar ali mesmo de amor e de tristeza igualmente”. Durante o gesto e entre seus pensamentos, bastante contraditórios, por sinal, a esposa percebe que

uma lágrima desprende-se, (...) e foi através da água ondulante dessa lágrima que vi a mulher muçulmana sentada à minha frente, um pouco à direita de mim, e que devia estar há tempos me observando. (p. 234)

As duas mulheres se medem, se observam, talvez se reconheçam. A protagonista nos deixa claro que não se acomoda bem no contexto em que se encontra; que a mala, com rodinhas barulhentas, a irrita; que os homens africanos, a olhando e tentando classificá-la, também a perturbam. A presença da silenciosa muçulmana, porém, a deixa alerta, sem adjetivos que qualifiquem de imediato tal contato. É um contato só de olhos, mas mais determinante que qualquer outro fato externo ou palavra trocada ao longo do texto.

As muçulmanas muitas vezes estão associadas a toda uma noção de ‘feminino’ que difere das mulheres do mundo ocidental; como se fossem apenas percebidas por oposição: pelo véu que as ocidentais não usam sobre o cabelo e rosto, pelos braços e pernas que não mostram. Provavelmente o inverso também é verdadeiro e daí o fascínio que essas duas mulheres tão diferentes exercem uma sobre a outra na narrativa, duas ficcionalizações do feminino. Não sabemos a nacionalidade de nenhuma das duas personagens, mas uma tende mesmo a ser brasileira, atrelada ao mundo ocidentalizado,

enquanto a outra, ao oriental, sendo fortemente marcada pela sua religião e seus símbolos: é muçulmana, antes de tudo (Muslim: woman). Algo as mantêm vinculadas, como se lê abaixo:

Mas meus olhos ainda estavam nos olhos dela, e não conseguiam sair. Eu imaginava se ela teria visto o meu choro – muito provável que sim, como se meu olho tivesse sido um peixe na hora daquela lágrima, um peixe nadando em mar salgado e revoltado, e tivesse sido fígado, engolido, pelo peixe maior que eram os olhos dela. (p.235)

Há uma relação explícita e, ao mesmo tempo, calada entre as duas. A muçulmana observa a protagonista o tempo todo, cada gesto, cada cigarro que ascende, cada cruzar e descruzar de pernas. Uma passa a construir um novo espaço a partir da outra, partes daquele instante e lugar já nem tão solitário e impessoal. Provavelmente estão olhando para uma versão naturalizada e universalizada do feminino, seja do ocidental ou oriental. Como bem destacou Kathryn Woodward (2000, p.14), ao longo de seus estudos sobre identidade e gênero: “a identidade é (...) relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Mesmo pertencentes a nações, grupos étnicos e culturas bem diversos, as duas mulheres estabelecem um elo comparativo através do gênero e do lugar que ocupam, ainda que esse elo surja inicialmente pela marcação da diferença. Cada uma delas aparentemente busca ultrapassar o olhar essencialista no que se refere à outra, ou seja, ambas tentam ver além – além do véu, além da modernidade aparentemente atrelada ao ato de fumar, de beijar em público.

Não sabemos nada sobre a antagonista que surge diante de nós, leitoras, já que, assim como essa surge, de forma súbita, diante da protagonista, a protagonista a coloca em exposição através da lágrima que corre de seus olhos; só sabemos ser ela mulher e muçulmana; aliás, como nos diz o título do conto, muçulmana – dois pontos – mulher. Contudo, as duas deixam desveladas suas marcas culturais – uma veste a burca, encobrendo praticamente tudo que a outra deixa à mostra. Poderíamos facilmente inventar metáforas opostas para nos referirmos as duas, sugerindo um espelho que nos mostra o inverso do que reconhecemos cá e lá. A nossa protagonista está acompanhada do marido, insatisfeita, mas aceitando-o de joelhos, com seus beijos “ridículos de menino”. A outra sozinha, por detrás do véu, reconhecendo algo na cena ou encenação de amor a que assiste - não sabemos se a insatisfação, o incômodo, a tristeza ou a paixão sufocada, qual desses elementos ela decifra de imediato; As duas mulheres se comparam; ambas existem, naquele instante, em função do olhar que trocam. A narradora se sente demasiado moderna naquele aeroporto, com as ondas largas em seu cabelo indicando provavelmente suas aproximações genéticas com a África, o que aparentemente faz parte do seu eu recluso que ela não traz a público. A outra aparenta tranquilidade sob metros e metros de tecido preto, suspirando e se surpreendendo discretamente com o mundo que vê através do véu e, principalmente, através dos olhos da outra mulher. São diferentes e iguais. Mesmo num ambiente totalmente público como o hall de um aeroporto, as duas dividem uma intimidade, um sentimento de reconhecimento.

Cheia de curiosidade, a protagonista levanta para beber água, esforçando-se em ler o nome da outra em sua mala – Adama Acsa Shariff - e, sem resistir, tenta puxar conversa, perguntando, em inglês, se ela falaria sua língua; Quando a outra responde, “*yes, madam*”, sente-se ridícula, pois nem o inglês era sua língua, tampouco sua língua

materna, provavelmente o português, seriam de alguma valia naquele “vasto mundo”. Sem jeito, pergunta se Adama saberia a localização do toailete, fugindo do constrangimento que sente. Após esse micro diálogo, a narradora se diz satisfeita com sua ousadia, “feliz com que tivéssemos uma identidade, aquele código secreto em língua estrangeira, duas mulheres tão diferentes que éramos” (p.237). Ainda que a protagonista faça essa menção à identidade que teria, que ambas teriam, seu nome não é jamais divulgado ao longo da estória. Adama, nesse sentido, por baixo de seus panos e seu véu, está mais claramente posta naquele espaço, já que pelo menos sua mala tem seu nome.

Quando o marido se aproxima novamente da protagonista, como que escolhendo assumir outro papel, numa alegria súbita, a narradora nos diz:

Esqueci-me de Adama por um instante e pulei no pescoço dele, beijando-o duas vezes no rosto. Ou talvez eu nem tenha me esquecido de Adama, e tenha na verdade desejado mostrar a ela que naquele momento eu aceitava, quase resignada, não saber por que eu tinha me casado justamente com ele, que **nem sempre me via**. (p.238)

Assim se separam as duas mulheres – a narradora seguindo para seu novo embarque, não antes de voltar-se e dirigir um *goodbye* à Adama. A outra tira o véu e responde sorrindo – *Goodbye, madam*, desvelando-se em mais um reconhecimento. E a protagonista, embalada por este sorriso, conclui que Adama era “tão linda” e que aquele fora “o mais lindo sorriso de mulher que já [lhe] deram” (p.238).

Considerações finais

O encontro em um aeroporto africano, o motivo de uma viagem explicada como opção infeliz por uma, dado como simples fato pela outra, traz à tona a temática dos movimentos contemporâneos pelo mundo – seja com o intuito de migração, negócios, turismo. Seres diversos se enxergam, entram em contato e, de certa forma, convivem mais intimamente do que seria possível imaginar no passado, principalmente no que se refere às mulheres. Aos olhos da protagonista, não é apenas a escala que é prolongada, mas tudo esta longo demais – o casamento, a cegueira do marido em relação aos seus desejos e vontades, o ranger da mala, a espera pelo embarque. O único instante em que consegue fugir desse incômodo absoluto e excessivamente prolongado é a sensação que a domina a partir do encontro visual com a outra mulher – onde apenas olhares e a troca de duas frases ocorrem – o que concretamente é pouco, mas emocionalmente, é muitíssimo.

Sem dúvida, o conto de Marilene Felinto tem um forte caráter psicológico, onde a dificuldade de compreensão entre o casal – marido/mulher, se opõe à percepção que se estabelece entre duas mulheres tão diferentes – uma “compreensão (ou atração?) silenciosa”, ainda que ambas “sejam de raças, nacionalidades” e usem línguas diferentes (Vianna & Guidin, 2003). Talvez cada uma delas, através da visão da outra, tenha devaneios sobre como sua vida poderia ter se desdobrado, que rumo poderia ser tomado, quantos caminhos existem para seguir ao longo da existência. A viagem apresentada por Felinto no conto, pelo menos no que se refere à protagonista, implica claramente um não movimento; implica, sim, espera e observação. Não importa para onde vão nem o por

quê do deslocamento – uma está só e tem nome; a outra, acompanhada e só existindo em função do olhar que lhe mede por trás do véu.

Quando Barbara Smith (1982, p.49) afirma que uma das intenções do feminismo contemporâneo seria a de “fraturar até mesmo as afirmações racistas e de exclusão do próprio discurso feminista”, defendendo que as “novas teorias e práticas feministas da atualidade deveriam lutar para libertar **todas** as mulheres”, percebemos que realmente pode haver troca colaborativa ocorrendo entre as personagens do conto de Felinto. Aliás, caberia aqui questionar quem teria de ser libertada no caso.

Representações bastante comuns das mulheres ocidentais como livres e independentes e de muçulmanas como oprimidas, reclusas, fechadas em seu mundo, submissas e contidas por seu véu são relativizadas no conto. Na verdade, um dos aspectos mais interessantes em “Muslim: woman” talvez seja o fato de ali serem racializadas as duas personagens femininas, a suposta brasileira, que apenas reconhecia ondas maiores em seu cabelo, e a provavelmente árabe-muçulmana, com seus trajés típicos, trazendo à tona visões de diferentes mulheres como possíveis modelos de humanidade marcadas pelo olhar que se diz neutro – tanto no que diz respeito a gênero quanto à raça, e que certamente nunca o é.

Neste sentido, destacamos o que defende Kum-Kum Bhavnani e Meg Coulson (2003, p. 78), quando essas afirmam que “o trabalho de mulheres de cor e de Terceiro Mundo (...) demonstra que a ‘raça’ confronta constantemente o feminismo, forçando nossa atenção em relação ao colonialismo, à identidade e à diferença”. Provavelmente a maior descoberta (*unveiling*) do conto envolva não a *Muslim woman* em si, mas a identidade que é desvelada na e pela protagonista através da relação que essa estabelece com a viagem, com o aeroporto africano, com o véu que encobre a outra mulher, com sua necessidade de desvelar-se. Assim, identidades de gênero são desafiadas pela alteridade presente em representações diversas da raça e da cultura, o que sem dúvida serve de combustível potente às releituras desenvolvidas pela crítica literária feminista contemporânea bem como ao agenciamento dos estudos feministas em seu sentido mais amplo.

A globalização nos permitiu, no mínimo, no que se refere aos estudos de gênero, conhecer “novas dimensões do conhecimento quanto às complexidades das identidades e subjetividades nas vidas e nas imaginações de mulheres diversas em lugares diversos, demonstrando como a raça, etnia, sexualidade, necessidades especiais e a idade exercem papel determinante na vida de qualquer mulher” (Kum-Kum Bhavnani and Meg Coulson, 2003, p. 80). As histórias que tratam dessas diferenças e, concomitantemente, dos eixos ou interesses comuns entre sujeitos femininos, abalam as fronteiras convencionais da alteridade, tornando-se caminhos férteis para o estabelecimento de conexões entre escritoras, leitoras, textos e seus mundos vastos e diversos.

Referências bibliográficas.

- ANZALDÚA, Gloria.** “La conciencia de la mestiza – rumbo a uma nova consciência”. *Revista Estudos Feministas* 13(3):704-119, 2005.
- BEHDAD, Ali.** On globalization, again. In: LOOMBA, Ania et al. (eds). *Postcolonial studies and beyond*. Durham and London: Duke UP, 2005. p. 62-79.

BHAVNANI, Kum-Kum & COULSON, Meg. 'Race'. In: EAGLETON, Mary. *A concise companion to feminist theory*. Malden: Blackwell publishing, 2003. p.73-92.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London and NY: Routledge, 1996.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008.

FELINTO, Marilene. "Muslim:woman". In: VIANNA, Lucia Helena & GUIDIN, Márcia Lúcia (Eds.) *Contos de escritoras brasileiras*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GEORGE, Rosemary Marangoly. Feminist theorize colonial/postcolonial. In: ROONEY, Ellen. *Feminist literary theory*. Cambridge, Cambridge UP, 2006. P. 211 – 231.

MATTELART, Armand, NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

SPIVAK, Gayatri C. "Quem reivindica alteridade?". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

RECEBIDO EM 06-10-2012
APROVADO EM 07-12-2012